

ENTRE O LIVRO E O LUGAR
OUTROS LUGARES
PATRICIA OSSES

ENTRE O LIVRO E O LUGAR
OUTROS LUGARES
PATRICIA OSSES

OUTROS LUGARES

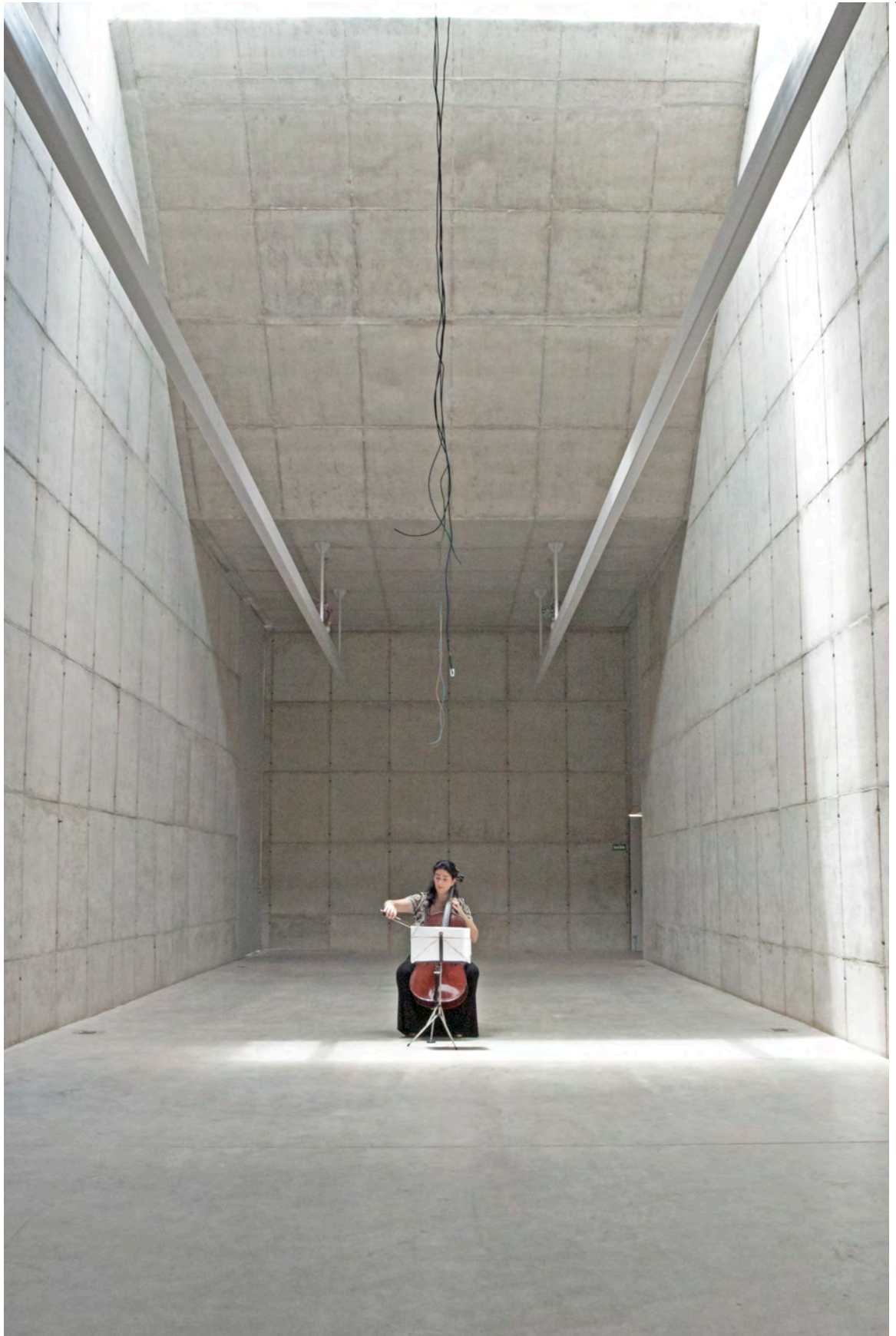
ABATON (do grego *a*, privativo, e *baino*, eu vou).

Cidade de localização variável. Embora acessível, ninguém chegou a ela. Sabe-se que os viajantes com destino a Abaton vagueiam durante muitos anos sem jamais conseguir ao menos um vislumbre da cidade. Alguns, no entanto, viram-na erguer-se de leve, acima do horizonte, especialmente ao crepúsculo. Inexplicavelmente, essa visão provocou grande alegria em alguns, enquanto outros sofreram uma dor terrível. O interior de Abaton nunca foi descrito, mas diz-se que os muros e as torres são azul-claro ou brancos, ou ainda, segundo outros viajantes, vermelho-chamejantes. Sir Thomas Bulfinch, que viu os contornos de Abaton quando ia de Glasgow para Troon, na Escócia, descreveu os muros como “amarelados” e mencionou uma música distante, algo semelhante à produzida por um cravo, que vinha do interior dos portões. Mas isso parece improvável.

(Sir Thomas Bulfinch, *My heart's in the Highlands*, Edimburgo, 1892)

CONCERTO PARA EDIFÍCIO TRANSPOSTO





AMR. Túmulo situado na região do País de Gales conhecida como Archenfield, junto ao Llyead Amr, ou riacho de Amr. É o local do sepultamento de Amr, filho do rei Arthur de CAMELOT. Por motivos obscuros, Arthur matou Amr e o enterrou nesse lugar. O túmulo tem propriedades mágicas e suas dimensões nunca são as mesmas em dois dias consecutivos. Em certo dia, pode ter um metro e oitenta de comprimento e, no dia seguinte, dois metros e meio ou até quatro metros e meio.

(Anônimo, *The history of the Britons*, séc. X)

DEUX BATEAUX
DOIS BARCOS

Dois Barcos

Houve um tempo em que os mouros, liderados pelo emir Abd-el-Kader, subiram o Rio Loire e ocuparam toda a região da Touraine, na França Central - isso foi antes do exílio da rainha Margot em sua própria terra.

Vencidos, seu barco foi transportado até a cidade de Tours e seu emir, aprisionado no terrível cárcere do castelo de Amboise. Ali mesmo viria a morrer após anos de maus-tratos, assim como os oitenta membros de seu séquito.

Do magnífico e quase invencível navio restou apenas o casco. Despojado de mastros, velas e cordas, decidiu-se que seria utilizado, em posição invertida, como a nova cobertura da antiga Igreja de Saint Julien. O Rio Loire nunca mais foi navegado por barcos tão possantes.

Sob esse estranho espólio de guerra, resta o pequeno barco de salvamento. Até hoje ele permanece, pousado sobre a viga principal, para o caso de uma possível nostalgia do rio Loire.

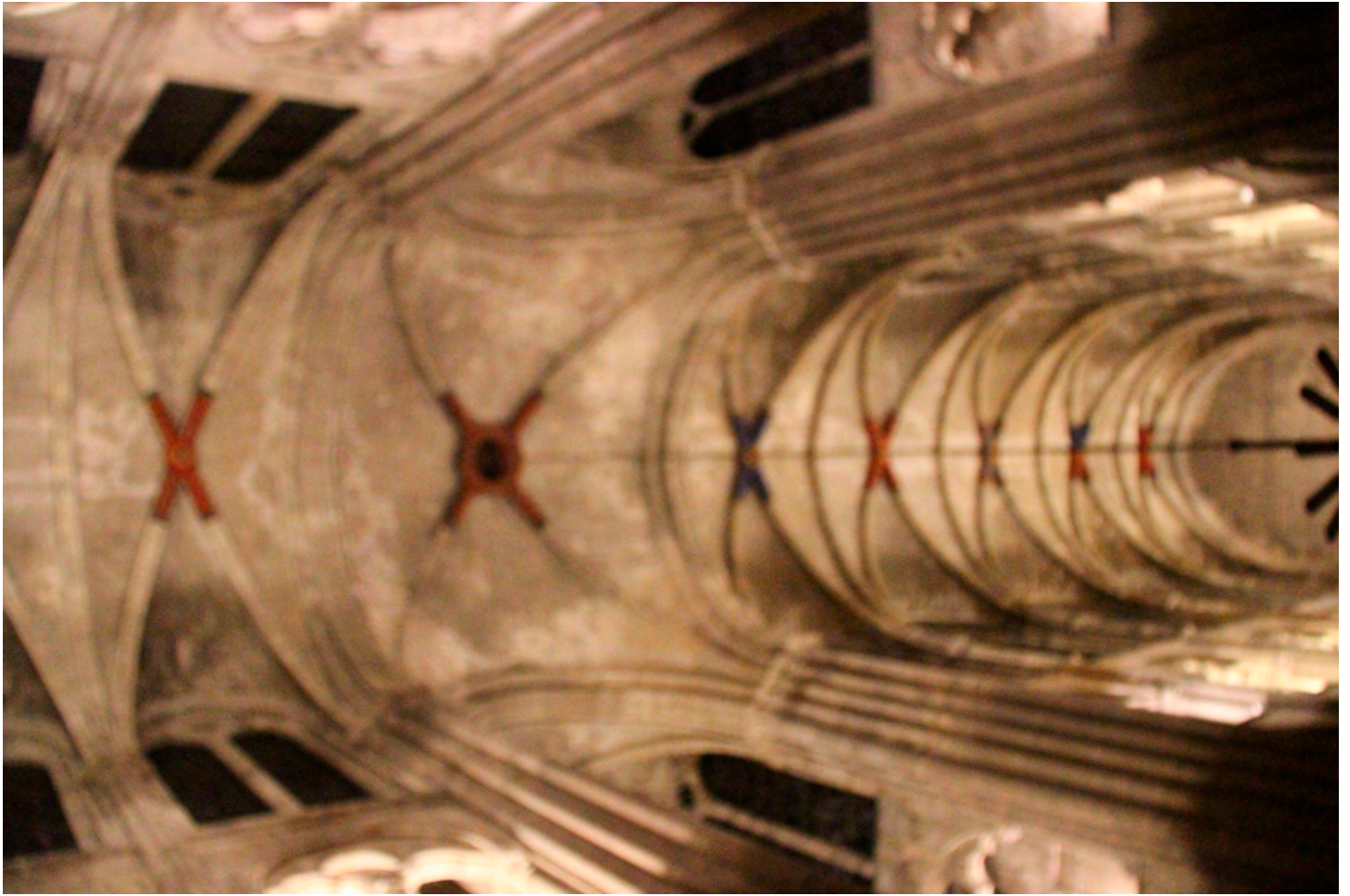
Deux Bateaux

Il fut un temps où les maures, dirigés par l'émir Abd-el-Kader, ont remonté la Loire et occupé toute la région de la Touraine, Centre de la France - c'était avant l'exil de la Reine Margot dans son propre pays.

Vaincu, son bateau a été remorqué jusqu'à la ville de Tours et son émir, jeté dans la terrible prison du château d'Amboise. Là, il mourut, après des années de mauvais traitements, ainsi que les quatre-vingts membres de son entourage.

Du magnifique et presque invincible navire il n'est resté seulement que la coque. Dépouillé de ses mâts, de ses voiles et des cordages, il a été décidé qu'il serait utilisé, renversé, pour le nouveau toit de l'ancienne église de Saint Julien. La Loire n'a plus jamais été naviguée par des bateaux si puissants.

Au dessous de cet étrange butin de guerre trônant sur l'Église, reste le petit canot de sauvetage. Même aujourd'hui, il reste perchée sur la poutre principale, au cas d'une possible nostalgie de la Loire.







FLUORESCENTE. Cidade onde, segundo um historiador local, “um cantor de rua põe a escuridão à prova do silêncio propagado como uma mancha de vinho tinto” - frase que tem um significado profundo em sua língua original, o dada.

A característica mais notável são os frutos postos em pilhas nas encruzilhadas da cidade, as quais chegam eventualmente à altura de prédios de três andares.

Na cidade Fluorescente as notícias são transmitidas por bandeiras de sinais navais amarradas em cordas. Os homens da cidade não falam e as mulheres apenas cantam algumas frases sem sentido, em quantidades limitadas e de acordo com regras rigorosas; essas frases mudam todas as sextas-feiras. Os sons são abafados com uma fina camada de borracha sobre tudo o que possa fazer um ruído agudo. Durante os picos de trânsito nas ruas, soltam-se matilhas de cães invisíveis na cidade.

(Tristan Zara, *Grains et Issues*, Paris, 1935)

CINEMA: IPIRANGA







IPIRANGA

Ontem à noite, pela centésima vez, entrei na sala vazia.

Já no saguão da entrada posso ver esse público não pagante que ainda frequenta o cinema. Esse que o habita. Por sua aparição inexplicável, poderia supor que são efeitos em meu cérebro do calor da noite passada. Mas aqui não há alucinações nem imagens: são homens e animais de verdade, ao menos tão de verdade quanto eu.

Estão vestidos com trajes iguais aos que se usavam há alguns anos, uma espécie de frívolo vintage... de todo modo, devo reconhecer que hoje em dia é muito difundido admirar-se com a magia do passado imediato.



Quem sabe por qual destino de condenado à morte eu os observo, inevitavelmente, o tempo todo. Dançam entre as poltronas, ricas em ácaros, pulgas e baratas.

Observo com algum fascínio esses abomináveis intrusos, fico tanto tempo sem ver gente... mas seria impossível observá-los o tempo todo. Há o perigo que me surpreendam observando-os. E há também a dificuldade material para vê-los: parecem gigantes fugazes, posso vê-los quando se aproximam dos limites do balcão superior, como potenciais suicidas.

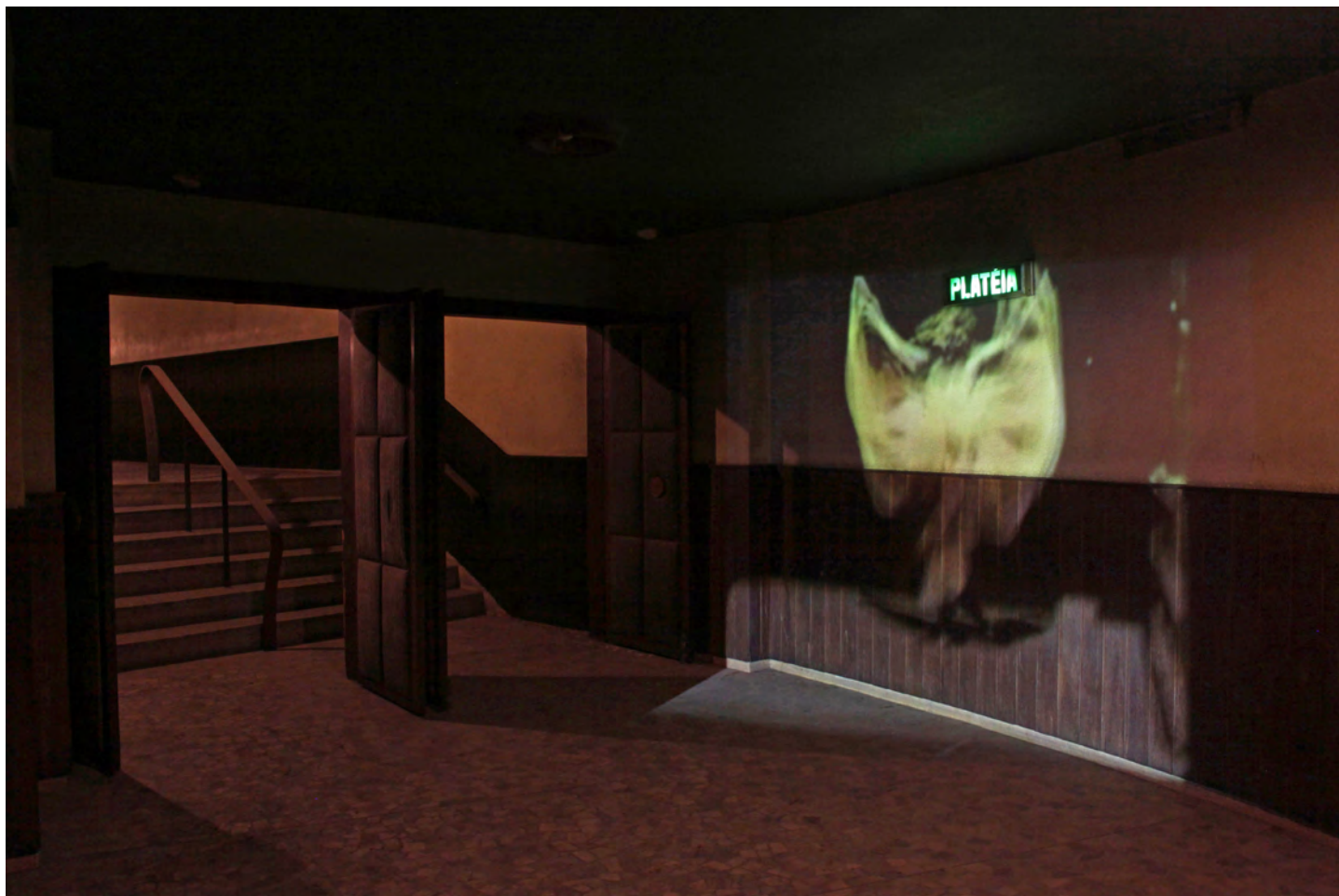
(Não realizei os registros por lhes atribuir valor de poesia ou de curiosidade, mas para que os meus leitores, que assinam jornais ou têm aniversários, datem estas páginas.)



Creio que o Ipiranga pertencia ao comerciante de tapetes Dalmacio Ombrellieri, original da Sicília, que não economizava nos materiais nem nas proporções. No saguão de entrada, as paredes são de mármore rosa, com alguns veios verdes, feito colunas desmoronadas. Quatro cálices de alabastro, nos quais poderiam esconder-se quatro meias-dúzias de homens, irradiam a luz elétrica.

De cada lado estão as escadarias principais, atapetadas. Uma porta abre para o corredor; outra para o salão redondo, outra, ínfima, oculta por um biombo, para a escada em caracol.

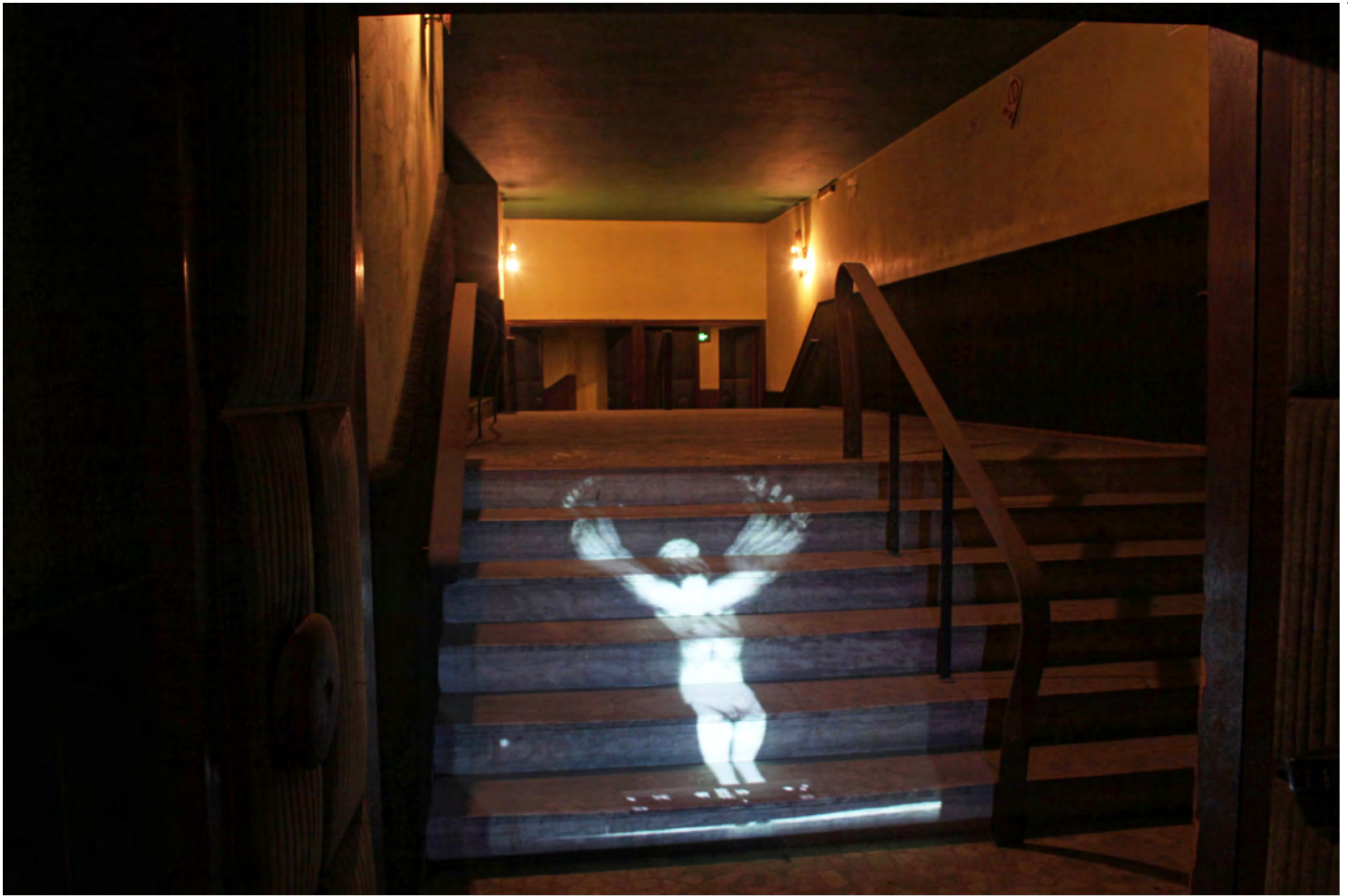
O verde predomina. Toda a sala principal e o saguão são verdes, mergulham-nos numa floresta fresca e obscura como uma igreja, em pleno centro de São Paulo.



Nos porões estavam ainda os projetores, intactos, originais dos anos 40, mantidos por um gerador. Como para protegê-los de um absurdo ataque aéreo, as paredes do porão tinham meio metro de espessura, a temperatura era 10 graus abaixo da superfície. Entendo muito pouco de motores, mas não foi difícil colocá-los em funcionamento.

O bom estado das máquinas me surpreendeu. Até hoje não descobri, porém, a função dos motores que se encontram no mesmo quarto, nem dos tambores com aletas, conectados por tubos de cobre. Assim, as luzes do cinema ficaram acesas a noite inteira.

Foi depois de pôr em marcha esses motores que ouvi os passos, pela primeira vez, subindo as escadarias em direção ao saguão principal. Passei horas entre as cortinas, angustiada com o esconderijo que havia escolhido.



Temia uma invasão de fantasmas, mas temia mais uma invasão de vivos. Depois decidi revistar o cinema, sem encontrar nada, mas seguia inquieta. Me custava, depois, todo o tempo em que estive ali, distinguir entre os ecos dos passos, os suspiros, e minha projeção dos ruídos possíveis. Quando não os ouvia, o silêncio se tornava muito pior, tão denso quanto esse ar encerrado.

O ouvinte atento pode tirar do meu relato uma coleção de objetos, situações e fatos mais ou menos espantosos. O ultimo é a aparição dos atuais moradores do cinema (assim passei a denominá-los), que mostro a vocês nestas fotografias.

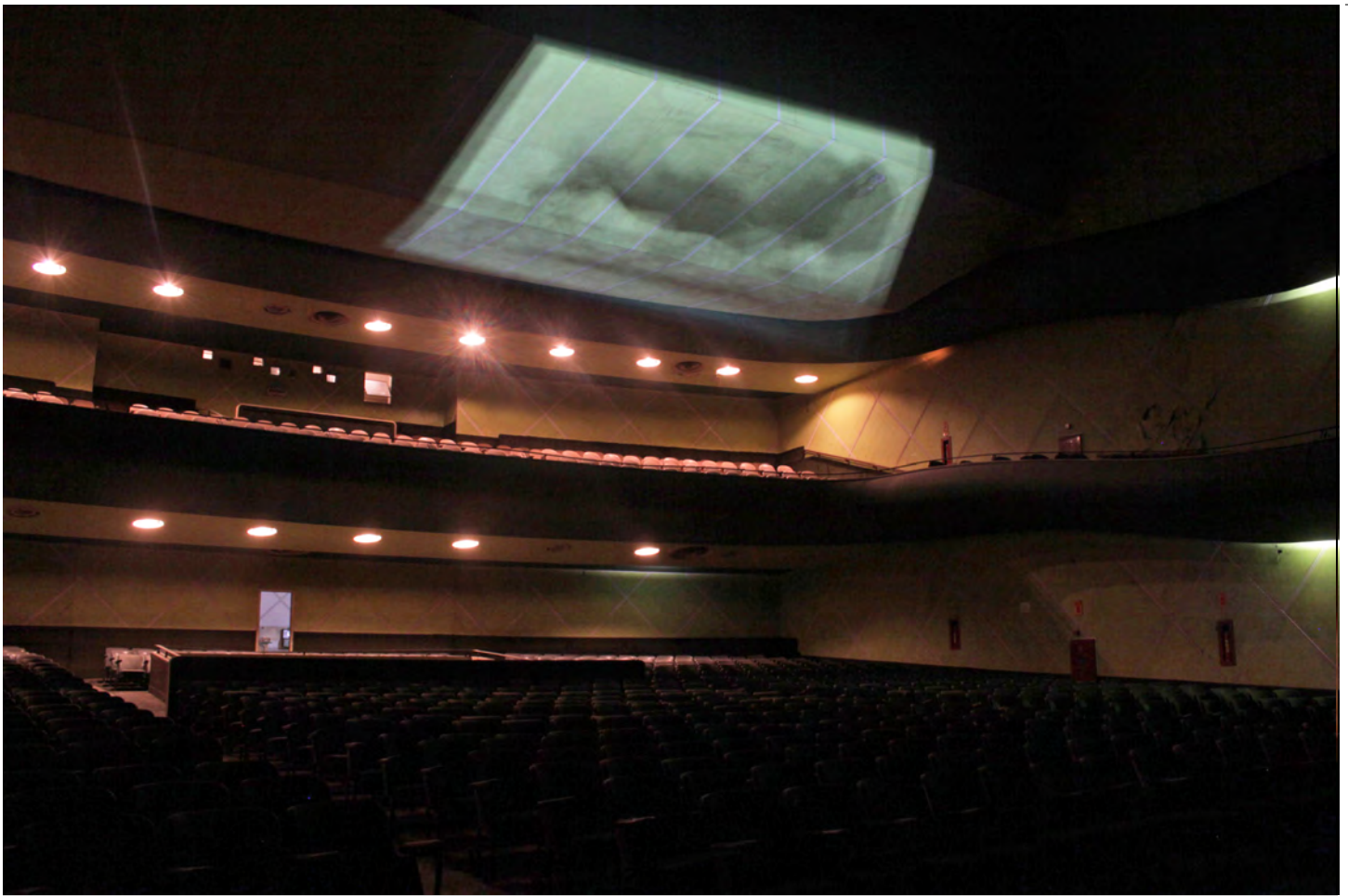
Já no saguão de entrada, uma tarde, havia duas pessoas, bruscamente presentes, como se não tivessem chegado, como se tivessem aparecido apenas em minha visão ou imaginação. Escondi-me, irresoluta, com torpeza, na bilheteria. Não me viram.
Ainda perdura o assombro.



Fiquei algum tempo imóvel, entre as cortinas do guichê, com a atenção dirigida aos ruídos da tormenta, querendo isolar os passos ou a voz de alguém que avançasse rumo à meu refúgio, evitar outra aparição inesperada. Fixando a vista no piso do saguão, nas paredes curvas e desbotadas, pensei que talvez fossem aquelas figuras que, segundo Leonardo, aparecem quando observamos tempo demais as manchas de umidade.

Aqui vivem esses exibicionistas, ou simplesmente os pensionistas de um manicômio abandonado. Atores sem espectadores - se é que não sou eu o único público previsto desde o início.

Eles, em todo caso, não me viam. O olhar deles prescindia de mim, como se eu fosse invisível. De certo modo eles me insultavam. Demonstravam que não me temiam. Teria bastado esticar o braço para tocá-las, as imagens. Essa possibilidade me horrorizava, como se eu corresse o perigo de tocar um fantasma.

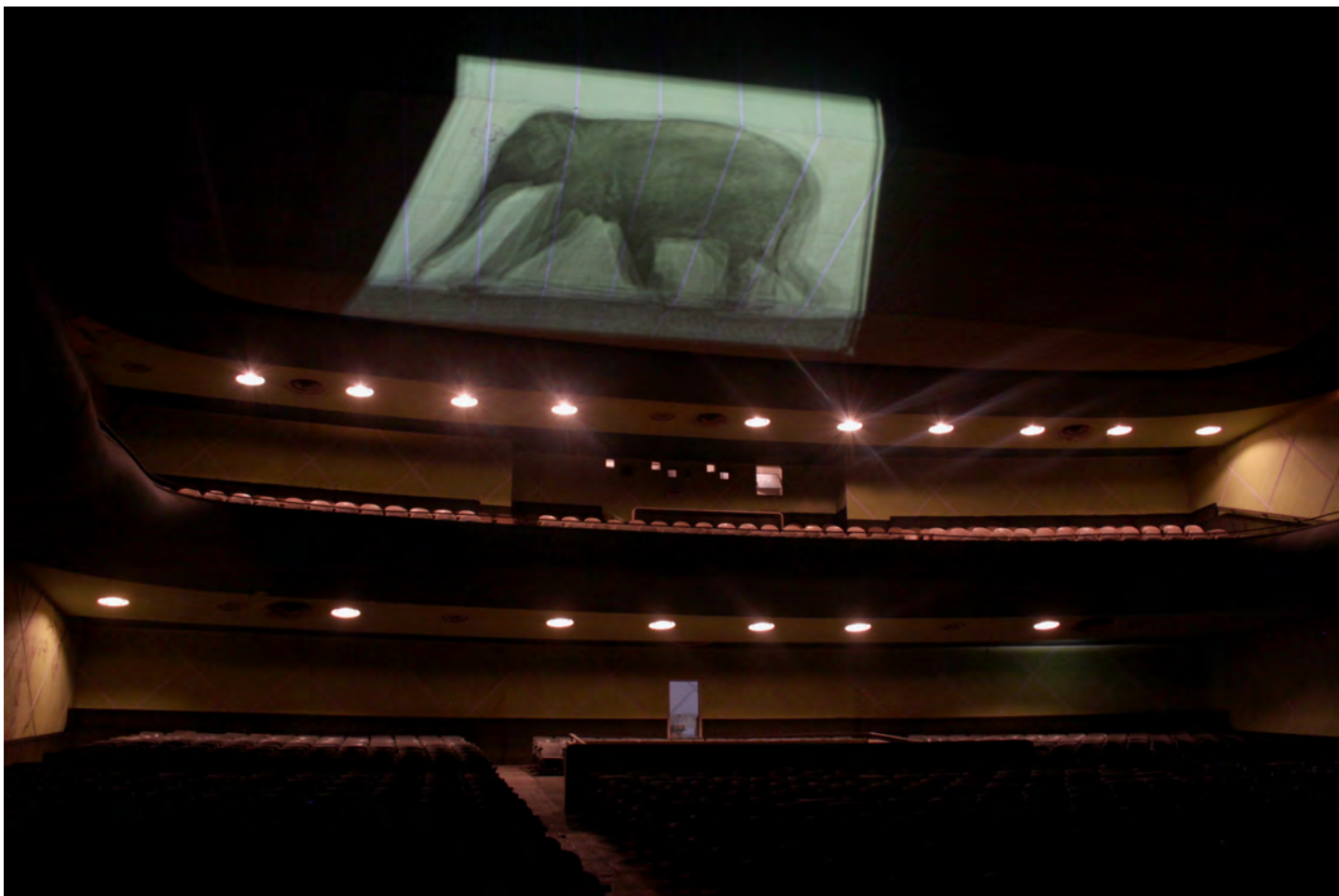


Dentro do desdém delas por mim havia algo de espantoso. O silêncio entre nós era ineludível. Compreendi a gravidade de não interrompê-lo; mas sem obstinação, sem motivo, permaneci calada.

Julguei ter feito essa descoberta: em nossas atitudes diárias ocorrem inesperadas, constantes repetições. A ocasião favorável permitiu que o notasse. Como no teatro, as cenas se repetem.

Resolvi retonar ao lugar, quantas vezes fosse necessário, ou simplesmente porque o surgimento dos fantasmas pudesse me convencer da minha própria existência.

Quando vi a sala desabitada temi me encontrar numa cilada. Sobressaltada, percorri todo o cinema, por vezes escondendo-me. Mas bastava olhar para as poltronas e as paredes, como que revestidas de isolamento, para convencer-me de que não havia ninguém ali. Mais: para convencer-me de que jamais houvera ninguém.



É difícil, depois de uma ausência de quase vinte dias, poder afirmar que todos os objetos de uma casa de muitíssimos cômodos se encontram onde estavam quando partimos. Mesmo assim aceito com evidências que todos aqueles seres, aquelas presenças, não haviam movido um banco, uma luminária, ou haviam posto tudo exatamente na posição que ocupavam antes.

Eu estava nervosa, desejava a claridade da luz elétrica. Testei muitos interruptores. Não havia luz. Por vago compromisso, tentei pôr de novo em funcionamento o gerador de luz. A calma interior voltou. A luz, com oblíqua velocidade, alcançou tudo e me pôs diante de duas mulheres: uma vestida de branco, a outra de distintos laranjas e amarelos. Olhei ao redor e, torpemente, me escondi num quartinho embaixo da escadaria. Como chegaram à sala de cinema, tanto tempo fechada? Quando chegaram?



Saí do meu esconderijo prevendo uma detenção brusca, o fim das minhas perplexidades.
Desta vez, no saguão, não havia ninguém.

Subi a escadaria, irrompi na sala 1. Havia pouco mais de uma dúzia de pessoas e animais. Tive a impressão de que estavam instalados, de que não iriam partir um momento depois.

Senti um medo quase convulsivo. Estava para fugir mas, antes de sair, percorri o cinema, em imaginação, à procura de um esconderijo seguro. Custava-me deixar aquele canto que me permitia a vigilância dos intrusos.

Sentei-me numa das poltronas empoeiradas e adormeci. Momentos depois revi a todos, em sonhos. Passavam bem perto. Acordei. Não havia luz. Tratei de não me mexer, de tentar ver na escuridão, mas a respiração e o espanto eram irreprimíveis. Levantei, fui até o corredor, ouvi o silêncio que havia sucedido a tormenta: nada o interrompia.

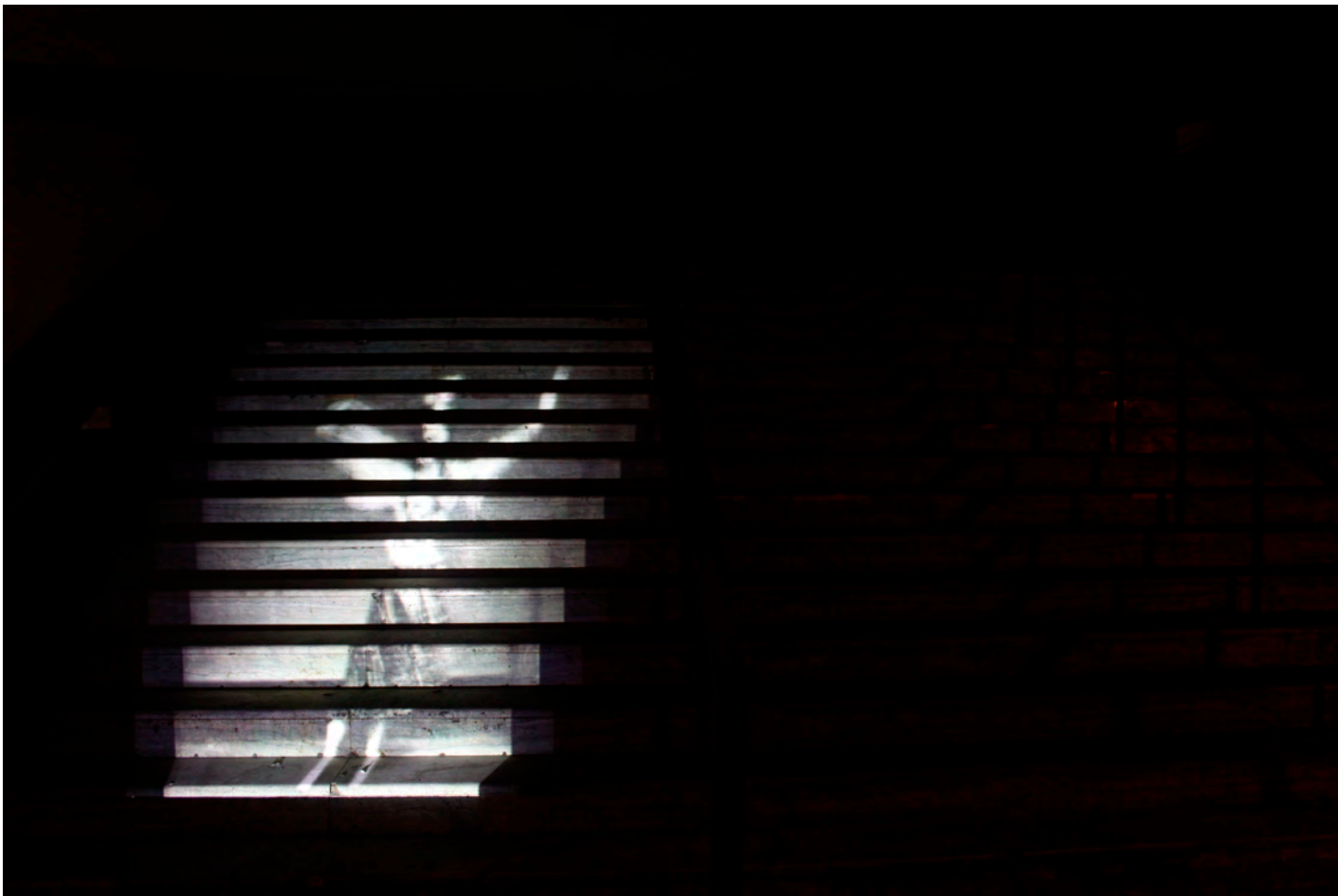


Agora quase não sinto dores. Estou mais tranquila. Penso, por absurdo que pareça, que talvez não tenham me visto no cinema. O dia todo transcorreu, e ninguém veio me buscar. Dá medo aceitar tanta sorte.

Recordo agora o que estava pensando anteontem à noite, naquela sala insistentemente mergulhada em penumbra, apesar dos geradores. Sobre a natureza dos intrusos, as relações que mantive com os intrusos.

Tentei várias explicações:

- que eu tenha alguma peste, ou a reverberação daqueles anos de medicamentos ; seus efeitos sobre a imaginação: as pessoas, a música, os lugares....
- que o ar pervertido das salas, com toda aquela poeira encerrada por sete anos, e uma alimentação deficiente tenham me tornado invisível. Os intrusos não me viram (ou têm uma disciplina sobre-humana). Objeção: não sou invisível para os lagartos, os ratos, as pulgas, as baratas.

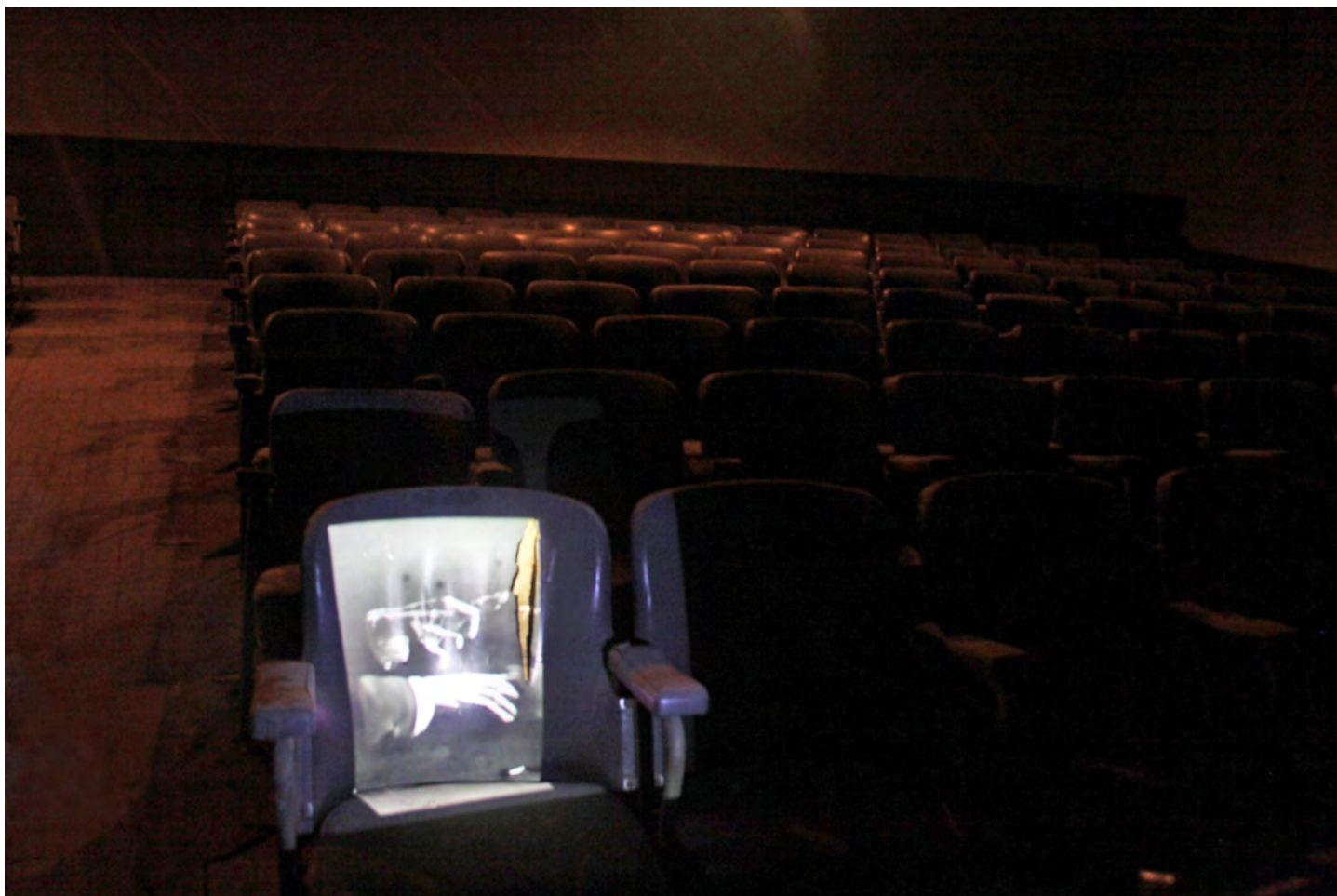


- ocorreu-me (precariamente) que talvez se tratasse de seres de outra natureza, de outro planeta, com olhos, mas não para ver, com orelhas, mas não para ouvir. Recordei que falavam um francês correto. Estendi a monstruosidade anterior: que esse idioma fosse um atributo paralelo de nossos dois mundos, dedicado a fins distintos.

- cheguei à quarta hipótese pela aberração de contar sonhos. Ontem à noite sonhei o seguinte: estava num manicômio. Às vezes eu sabia que estava na SALA, às vezes, julgava estar no manicômio; às vezes eu era o diretor do manicômio. Ou do filme que era projetado na SALA.

- quinta hipótese: os intrusos seriam um grupo de mortos amigos; eu, um viajante como Dante, ou quem sabe outro morto, de outra casta, num momento diferente da metamorfose; esta SALA de CINEMA, o purgatório ou céu daqueles mortos .

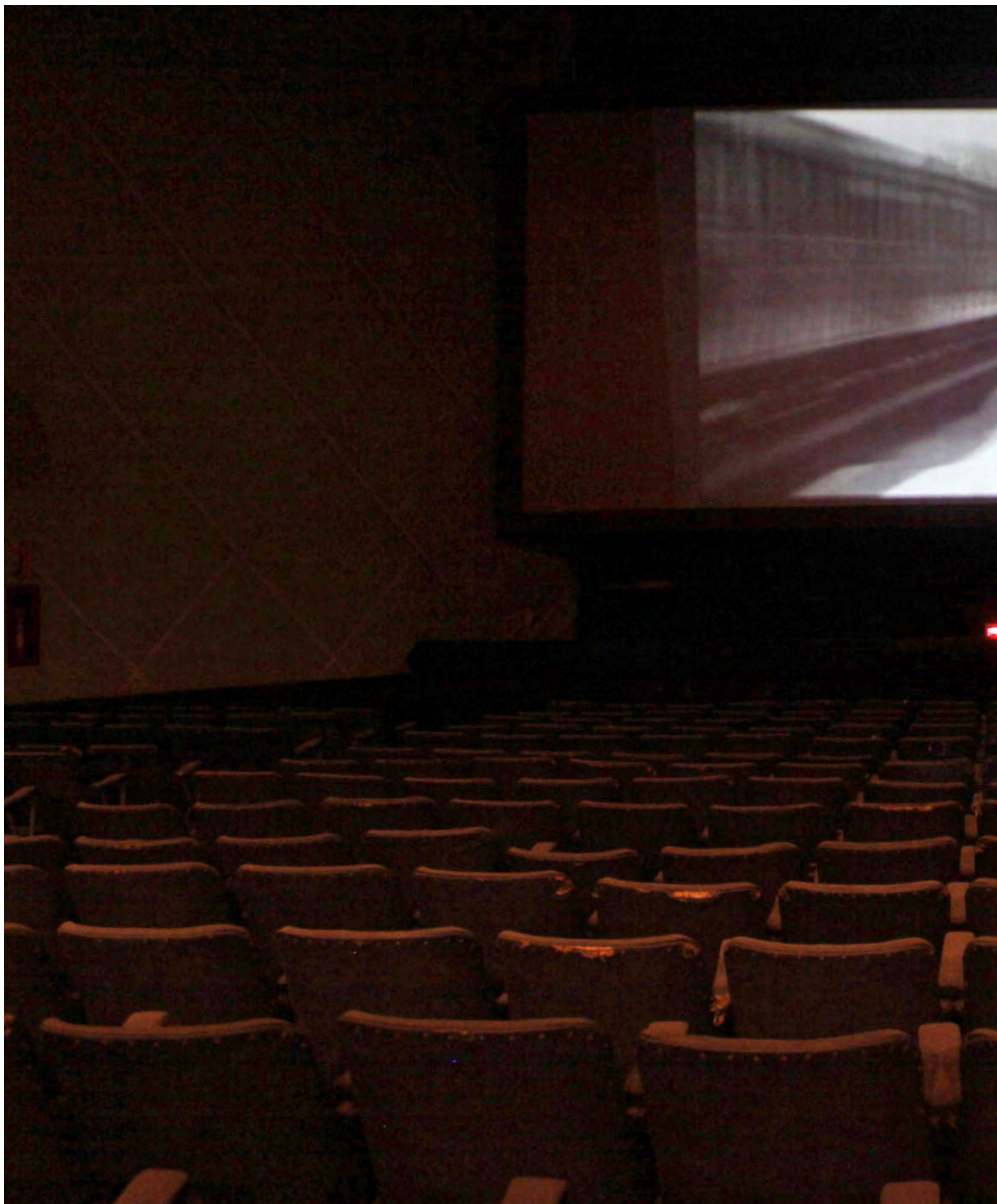
Bem, são infinitas as hipóteses. Infinitas, ou quatorze.



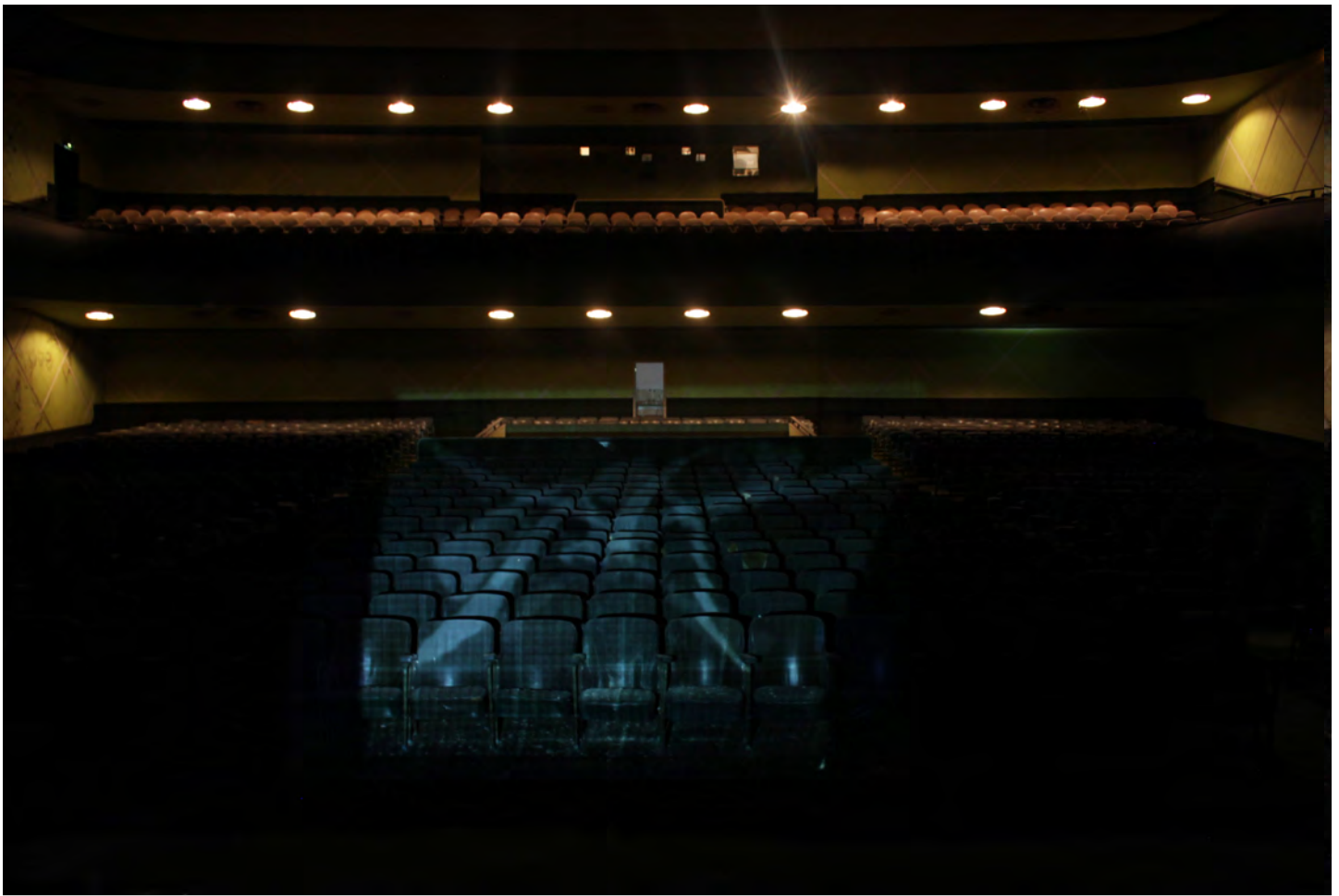
Agora eu entendia porque os romancistas propõem fantasmas lamurientos. Os mortos continuam entre os vivos.

Custa-lhes mudar os costumes, renunciar ao tabaco, ao prestígio de violadores de mulheres. Senti horror de ser invisível, de que Carmencita, Anabelle, o cavalo ou mesmo o elefante estivessem em outro planeta; mas estou morta, fora de alcance; todas estas soluções terríveis são esperanças frustradas.

O manejo destas idéias me proporcionava uma consistente euforia. Acumulei provas que demonstravam minha relação com os intrusos como uma relação entre seres de planos distintos. Nesta SALA pode ter acontecido uma catástrofe imperceptível para os seus mortos (eu e os animais e insetos que a habitavam); depois teriam chegado os intrusos.







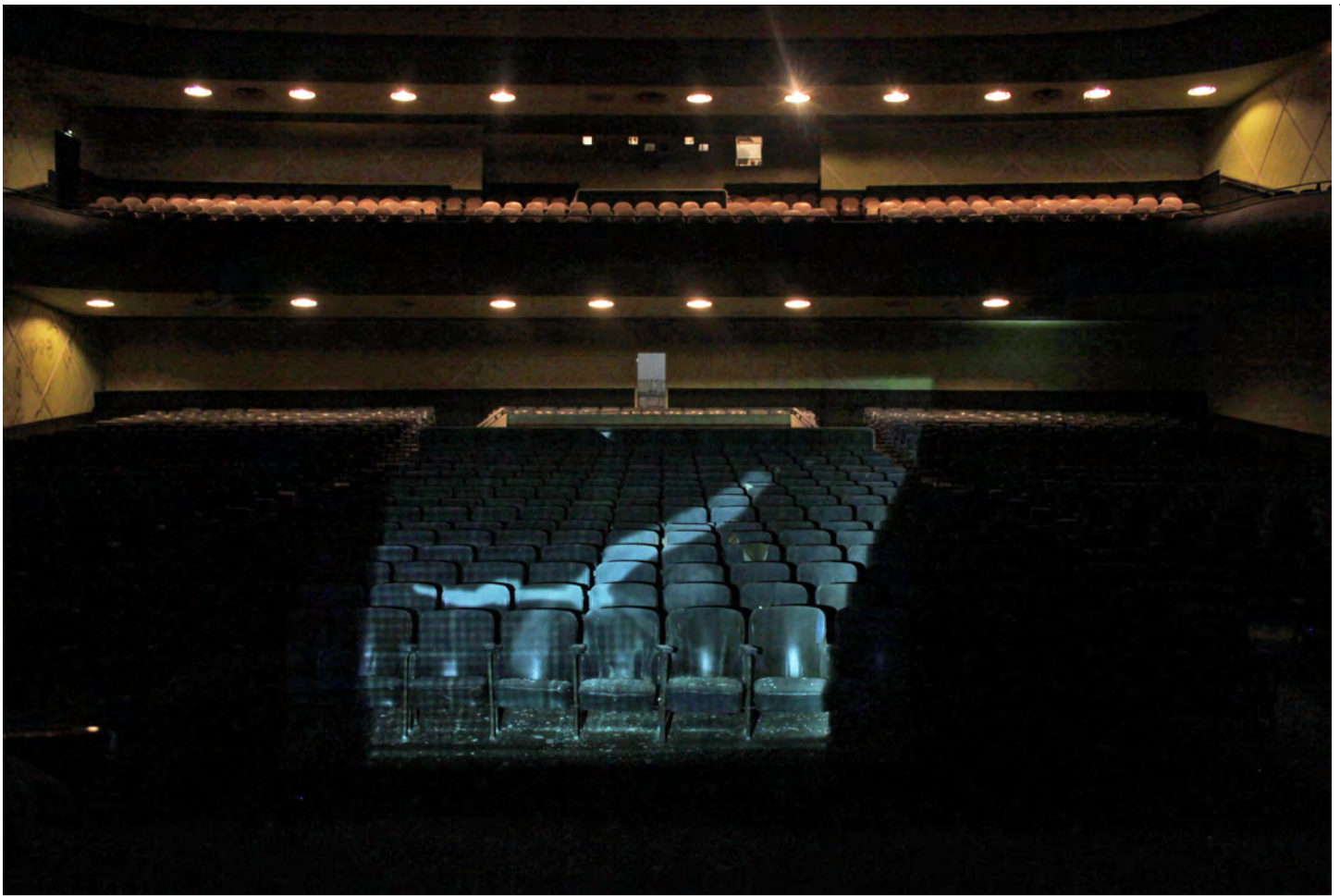
Estar morta! Como me entusiasmei essa idéia. (vaidosamente, literariamente).

Havia tempo que eu pensava nisso, de modo que já estava um pouco farta, e segui adiante com menos lógica: não estava morta até que apareceram os intrusos; na solidão é impossível estar morta. Para ressuscitar, devo suprimir as testemunhas. Será um extermínio fácil. Não existo: não suspeitarão de sua destruição.

Foi em momentos de extrema ansiedade que imaginei estas explicações injustificáveis, fúteis. O homem e a cópula não suportam longas intensidades.

- ... e se eu lhe dissesse que todos os seus atos e palavras estão registrados?

- Não me importaria.



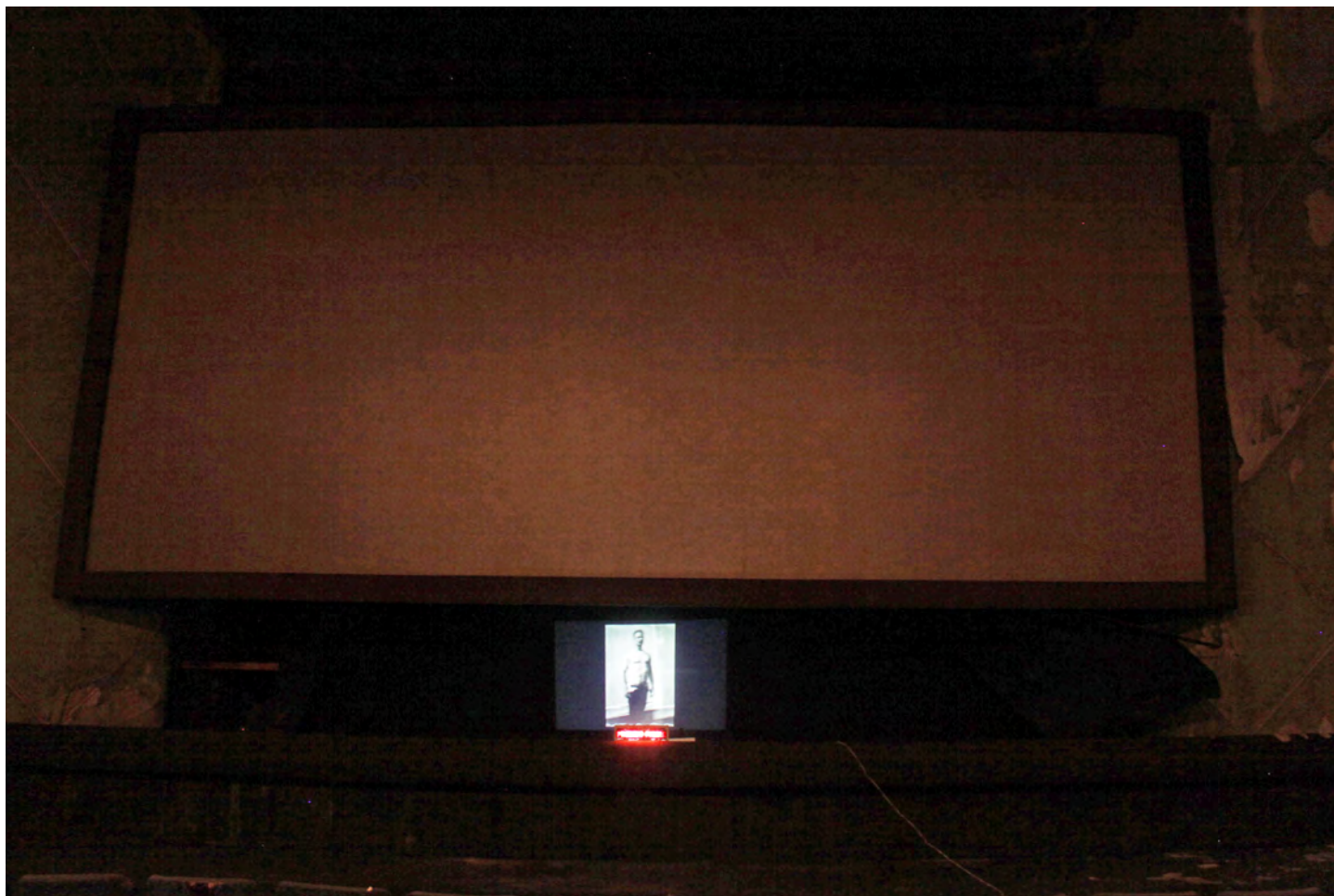
Meu abuso consiste em tê-los fotografado sem autorização. É claro que não se trata de uma fotografia qualquer; é minha última invenção. Nós viveremos nessa fotografia para sempre. Imaginem-se num cenário em que se representa completamente nossa vida nestes dias. Nós representamos. Todos os nossos atos ficaram gravados.

De modo que lhes dei uma eternidade agradável.

Não precisam de telas ou papéis; suas projeções são bem acolhidas em todo o espaço; não importa se é dia ou noite. Com efeito, imaginava que as reproduções de objetos fossem objetos - como a fotografia de uma casa é um objeto que representa outro - , as reproduções de animais e plantas não seriam animais nem plantas. Estava certo de que meus simulacros de pessoas careciam de autoconsciência (como os personagens de um filme cinematográfico).

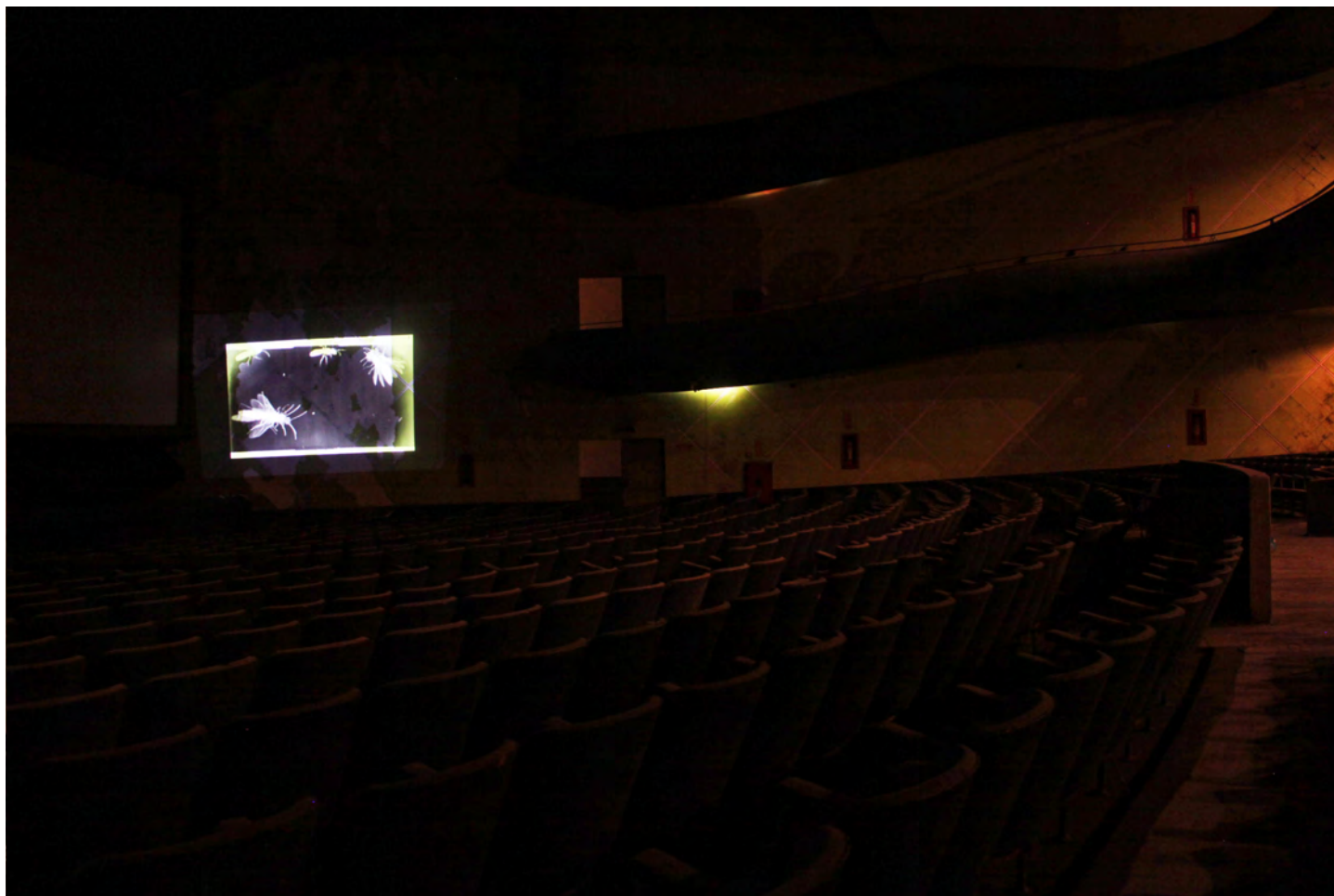






Nossos hábitos supõem uma maneira de acontecer das coisas, uma vaga coerência do mundo. Agora a realidade se afigura alterada, irreal. Quando um homem desperta ou morre, tarda a se desfazer dos temores do sonho, das preocupações e das manias da vida. Agora me custará perder o costume de temer aquela gente.

Mas tudo isso, que medito judiciosamente, significa que Carmencita, Paul - o guarda da estação, Anabelle e seus animais estão todos mortos. Que não há mais ninguém além dessas imagens, para as quais não existo.



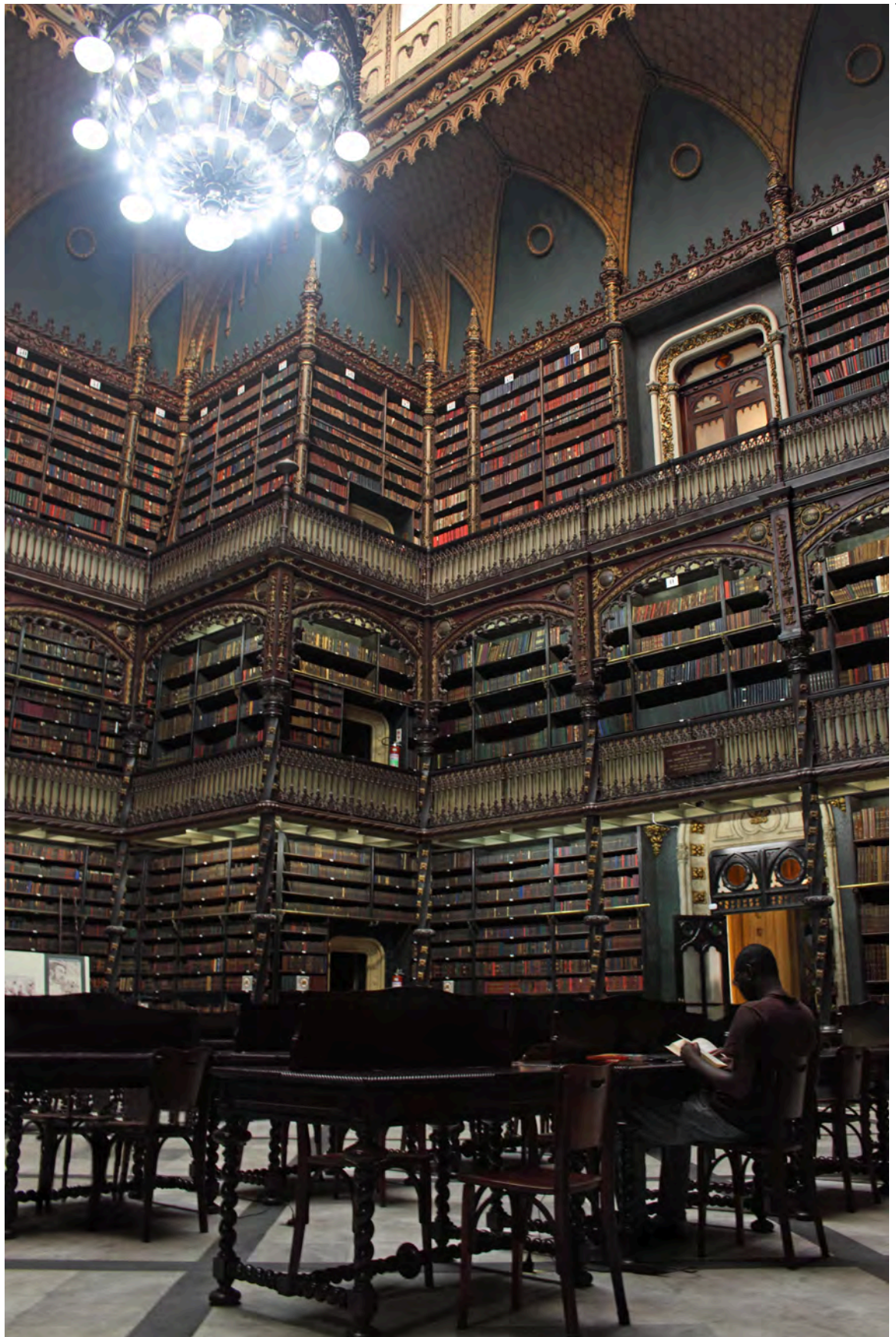
Texto híbrido entre o relato *Cine Ipiranga*, de Patricia Osses,
e a ficção *A invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares.

BABEL. Cidade de localização indeterminada, célebre por sua biblioteca, não deve ser confundida com a Babel bíblica (Gênesis 11:1-9). Essa biblioteca, que alguns chamam de universo, constitui-se de um número indefinido, e quiçá infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por varandas baixíssimas. De qualquer hexágono vêm-se os pisos inferiores e superiores interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte estantes, com cinco longas prateleiras, cobrem todos os lados, menos dois; sua altura, do chão ao teto, quase não excede a de uma estante normal. Um dos lados livres conduz a um saguão estreito, que desemboca em outra galeria, idêntica à anterior. À esquerda e à direita do saguão há dois quartinhos minúsculos. Um é para dormir em pé, o outro é um banheiro. Por aí passa uma escada espiral, que se debruça e se eleva para o longe. No saguão há um espelho, que duplica as aparências fielmente. Os homens costumam inferir desse espelho que a biblioteca não é infinita (se o fosse realmente, para que essa duplicação ilusória?). Cada prateleira encerra 32 livros de formato uniforme; cada livro tem 410 páginas; cada página, quarenta linhas; cada linha, umas oitenta letras na cor preta. Uma vez que os símbolos ortográficos são 25 e que a biblioteca é infinita, encontra-se ali tudo que é dado expressar, em todos os idiomas. Tudo: a história minuciosa do futuro, as autobiografias dos arcanjos, o catálogo fiel da biblioteca, milhares e milhares de catálogos falsos, verdadeira história da morte de cada homem, a versão de cada livro em todas as línguas. Geração após geração, os bibliotecários percorrem a biblioteca em busca do Livro.

(Jorge Luis Borges, “La biblioteca de Babel”, in *El jardín de Senderos que se bifurcan*, Buenos Aires, 1941. in Ficcões, trad. Carlos Nejar, São Paulo, 1995)

GABINETE DE LEITURA

Resumamos: enfeixemos estas linhas esparsas.



OVOS ACIMA. Aldeia de localização desconhecida. Há muitos anos, seus habitantes decidiram construir um arranha-céu que chegaria à Lua, esperando tomar o elevador e fazer a ceia no satélite. Quando o arranha-céu estava na metade, eles perceberam de repente que a Lua tinha se mexido e que o edifício jamais chegaria até ela. Consequentemente, derrubaram o arranha-céu e construíram outro, que apontava diretamente para a Lua. Mas descobriram, de novo, que a Lua andara. Desde então, o povo de Ovos Acima passa as noites se perguntando por que a Lua se move, e tentando encontrar uma maneira de fazê-la parar.

(Carl Sandburg, *Rootabaga stories*, Nova York, 1922)

BIBLIOTHÈQUE / ÉTAGÈRES
BIBLIOTECA / ESTANTES









VEREDAS MORTAS. Situado no grande sertão, provavelmente no noroeste de Minas Gerais, é local propício à realização de um pacto com o Diabo. Para chegar lá é preciso descer a Vereda do Porco-Espim até um lugar chamado Coruja, um retiro taperado. A meia-léngua dali encontram-se duas veredas, uma perto da outra, que se alargam e formam um triste brejão, fechado de moitas e plantas. São as Veredas Mortas, que se cruzam no meio do cerrado.

Nessa encruzilhada pobre de qualidades, sem árvore ou nenhum outro marco, o viajante deve passar a noite à espera do Demo, que talvez não compareça fisicamente ao encontro, mas sua presença será sentida. Aconselha-se levar agasalho, pois faz um frio do diabo. A visita vale a pena, porque o viajante ganhará clareza de idéias e alegria de viver. Sem esquecer que a ida às Veredas Mortas é essencial para poder atravessar o LISO DO SUSSUARÃO.

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*, Rio de Janeiro, 1956)

VIGNE-MÉRE
VIDEIRA-MÃE

Havia vinhas por toda parte, há 100 anos atrás, em Auvergne. As plantações eram pontuadas por casas muito pequenas, que abrigavam os trabalhadores por uma noite, que guardavam suas ferramentas.

Um dia, a peste chegou e todas as vinhas morreram. Auvergne nunca mais produziu seu próprio vinho.

As plantações hoje são outras: trigo, milho, cevada. Circundam as ruínas das pequenas casas. Uma dessas casas não tem mais telhado. Ocupada por plantas que entraram por suas portas e janelas, sua forma é hexagonal. Dentro dessa casa há, hoje, uma vinha. Dela nascem galhos e frutos que ocupam, lentamente, toda a casa, de dentro para fora.

É uma vinha mãe.

Il y avait des vignes partout, il ya 100 ans, en Auvergne. Des plantations etais ponctuées par des maisons très petites, qui abritait les ouvriers pour une nuit, qui gardait ses outils.

Un jour, la peste est arrivée et toutes les vignes sont morts. Auvergne n'a plus jamais produit son propre vin.

Les cultures sont toutes autres, aujourd'hui: blé, maïs, orge. Elles entourent les ruines de petites maisons.

Une de ces maisons n'a plus de toit. Occupée par les plantes qui sont rentrée par portes et fenêtres, sa forme est hexagonale. Dans cette maison il y a maintenant une vigne. Ses branches et ses fruits, lentement, occupent toute la maison, de l'intérieur vers l'extérieur.

C'est une vigne-mère.



FLUTUANTE. Pequena ilha no meio do Golfo de Tâmisia-Ísis, na costa da Inglaterra, que pode ser circunavegada em 24 horas. Divide-se em quatro partes ou províncias: Christianshore, ao norte, Turkishore, ao sul, Pont-Troynovant, a leste, e Maidenhead, a oeste. Tendo em vista que a ilha flutua para longe no inverso e se esconde em alguma baía estreita e desconhecida até o verão, é chamada às vezes de ilha do Verão.

As náíades vivem nas terras altas e jogam boliche, fazendo um barulho tão alto que é possível ouvi-lo em toda a ilha. O povo é famoso por sua preguiça. São indolentes demais para fazer vinho de seus vinhedos luxuriantes e preguiçosos demais para cultivar a terra, por mais que gostem de pastagens verdes. Falam uma língua franca e fumam muito. Na província de Amidenhead há uma região chamada Westmonasteria, sítio de um antigo e refinado templo de Apolo.

(Frank Careless, *The Floating Island or a New Discovery Relating the Strange Adventure on a late Voyage from Lambethana to Villa Franca, Alias Ramallia, to the Eastward of Terra del Templo* (...) Londres, 1673)

DEUX PORTES FERMÉES
DUAS PORTAS FECHADAS





PASÁRGADA. (não confundir com a cidade fundada por Ciro, o Grande, nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões.) Cidade de localização incerta, mas certamente provida de praias tanto marítimas como fluviais. Possui clima ameno, favorável à prática de esportes como a ginástica, o ciclismo e a natação. Situada em um reino bastante liberal, dispõe de um processo seguro de impedir a concepção, prostitutas bonitas e acesso fácil a drogas como a cocaína e a morfina. É indicada para pessoas enfermas e depressivas. Para gozar plenamente dos prazeres de Pasárgada, recomenda-se que o viajante faça amizade com o rei.

(Manuel Bandeira, *Libertinagem*, Rio de Janeiro, 1930; *Intinerário de Pasárgada*, Rio de Janeiro, 1954)

LES DOS DE LA MAISON
AS COSTAS DA CASA



AMANHÃ. Ilha a 46o 2'23,5" de latitude norte e 33o 39'48'6" de longitude oeste, separada da costa da Francobolia pelo estreito de Maupertuis. Tem trinta quilômetros de comprimento e oito de largura, que abrigam uma população de mais de 15 mil habitantes. A capital é Lux, cidade fortificada da costa, mas os viajantes devem visitar também a linda cidade de Primevere, doze quilômetros para o interior da ilha.

Apesar da pobreza assustadora que reina em Amanhã – diz-se que as pessoas morrem no hospital pela falta de clorofórmio durante as operações -, a ilha apresenta algumas atrações que valem uma visita. Ela é famosa pelas numerosas aparições de santos, que provocaram certas mudanças nos nomes dos lugares, tais como a praça da Revolução, rebatizada de praça do Sagrado Coração.

É possível alugar assentos para ver as aparições, que voltam em datas fixas, e escolher entre uma dúzia de santos patronos. Todas as butiques da cidade vendem imagens e miniaturas de santos dentro de ovos transparentes.

(Henri Chateau, *La cité des idoles*, Paris, 1906)

CHAMBRE ROUGE
QUARTO VERMELHO





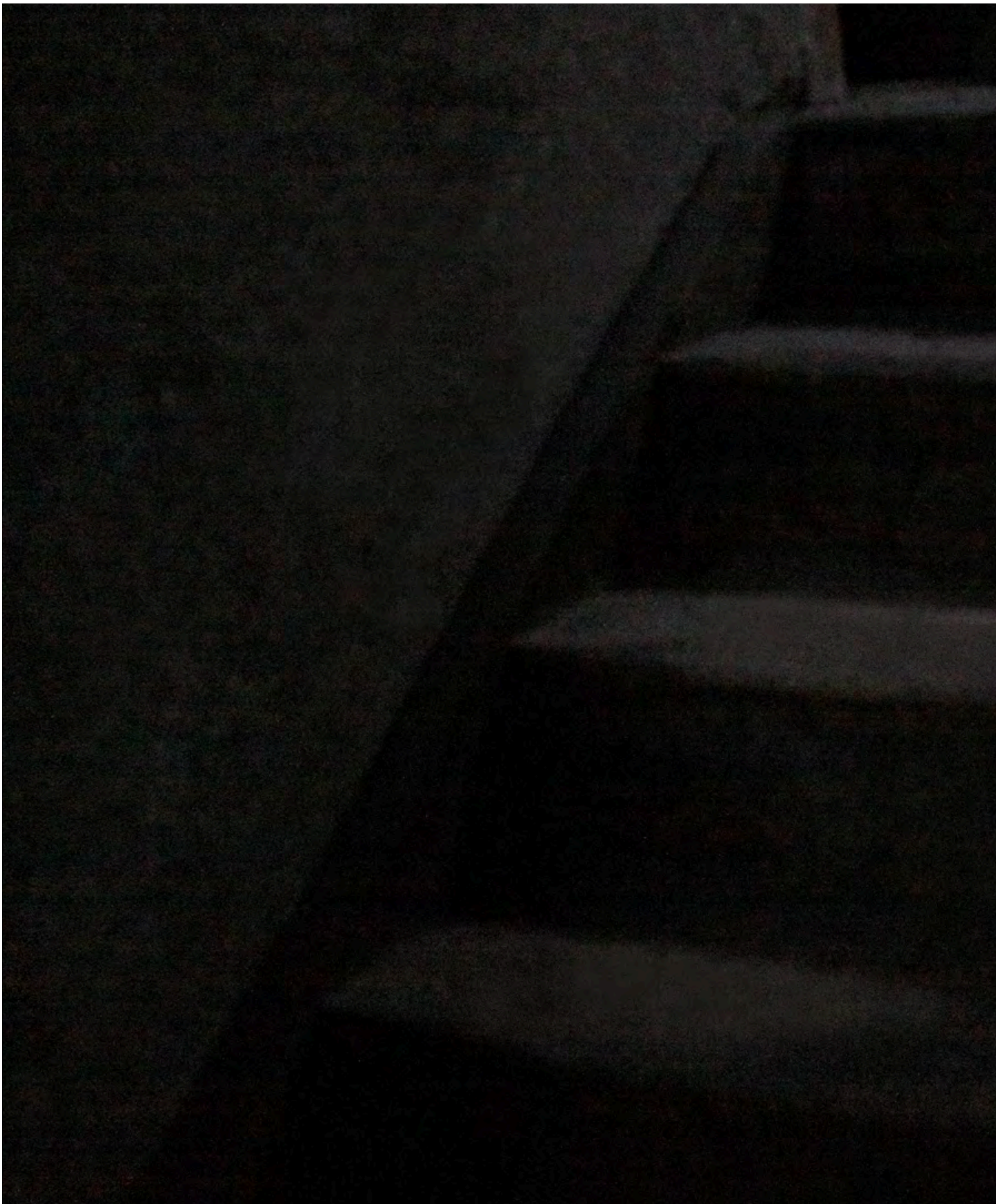




DESAPARECIDA. Cidade enorme, em algum lugar sob o oceano. De longe o viajante vê apenas a água profunda, movida pelos ventos, mas se mergulhar, verá diante de seus olhos uma cidade de tijolos. Torres, bazares, fábricas, arcos e palácios que outrora vibravam com o som de alaúdes melódiosos dão à cidade a aparência de uma hidra. Nos parques que cercam o palácio real, local em que as rainhas vinham banhar-se nuas, o visitante pode admirar os restos de um antigo cúter naufragado.

(Victor Hugo, "*La ville disparue*", em *La legende des siècles*, Paris, 1859)

GRENIER
SÓTÃO



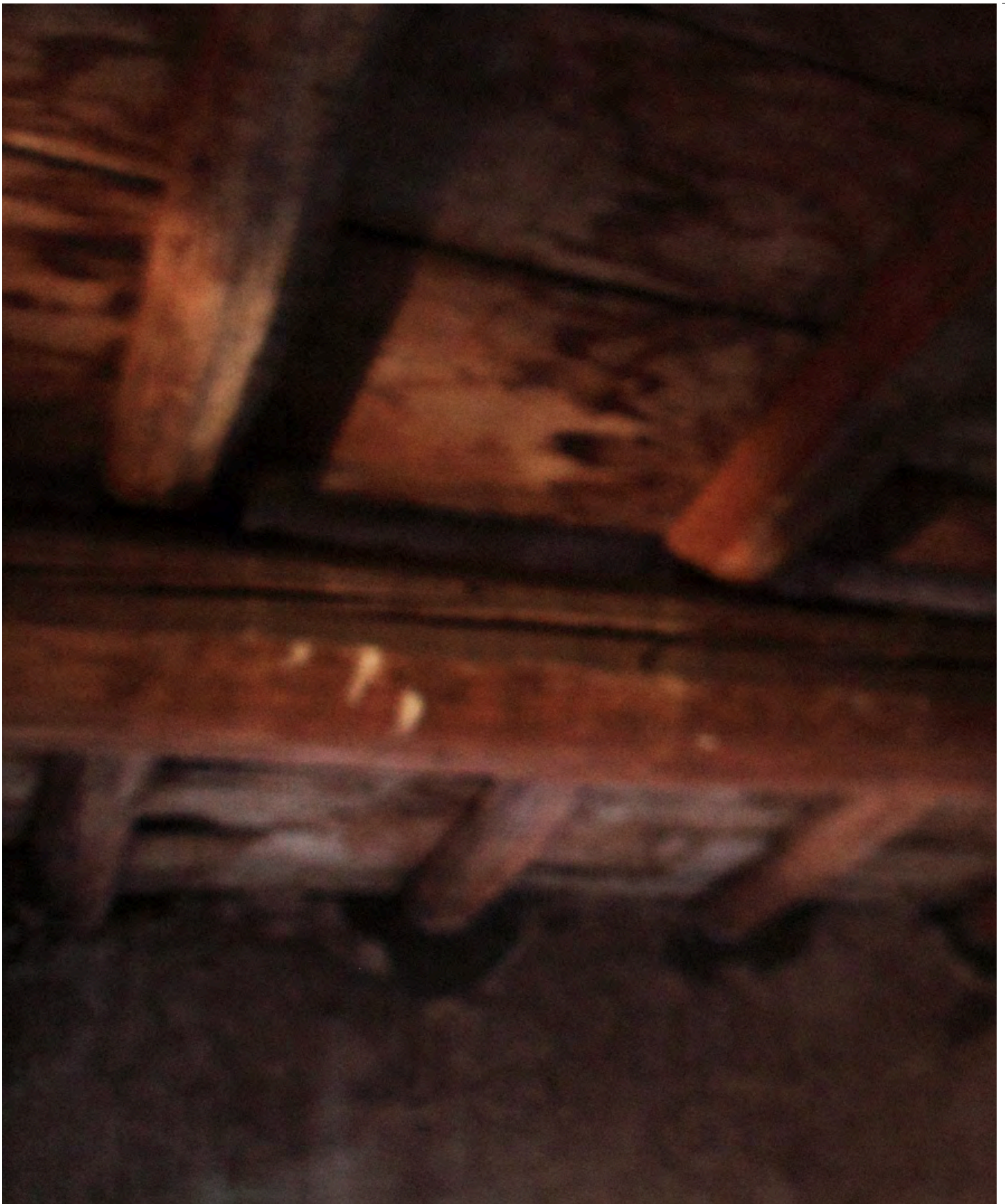


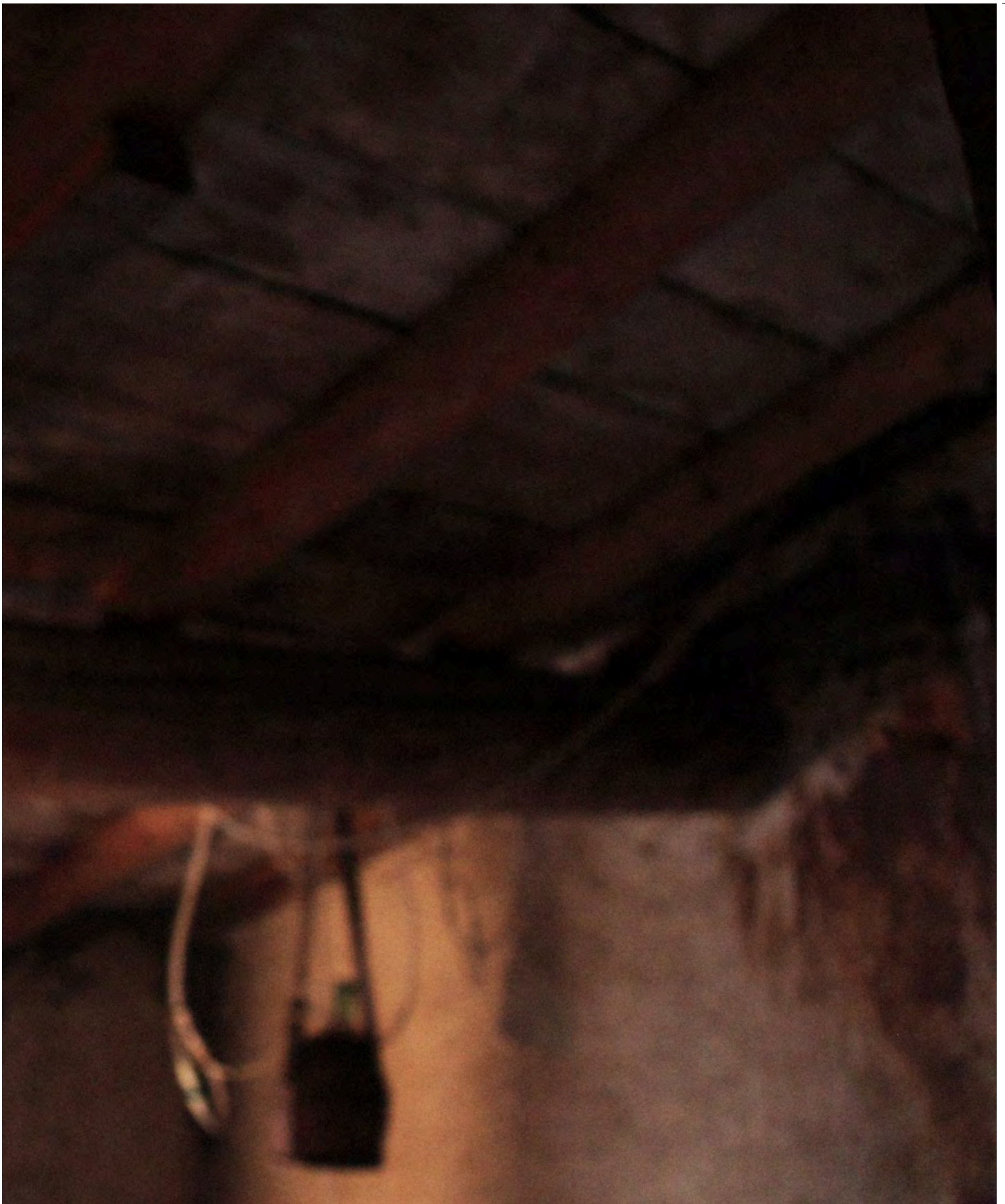




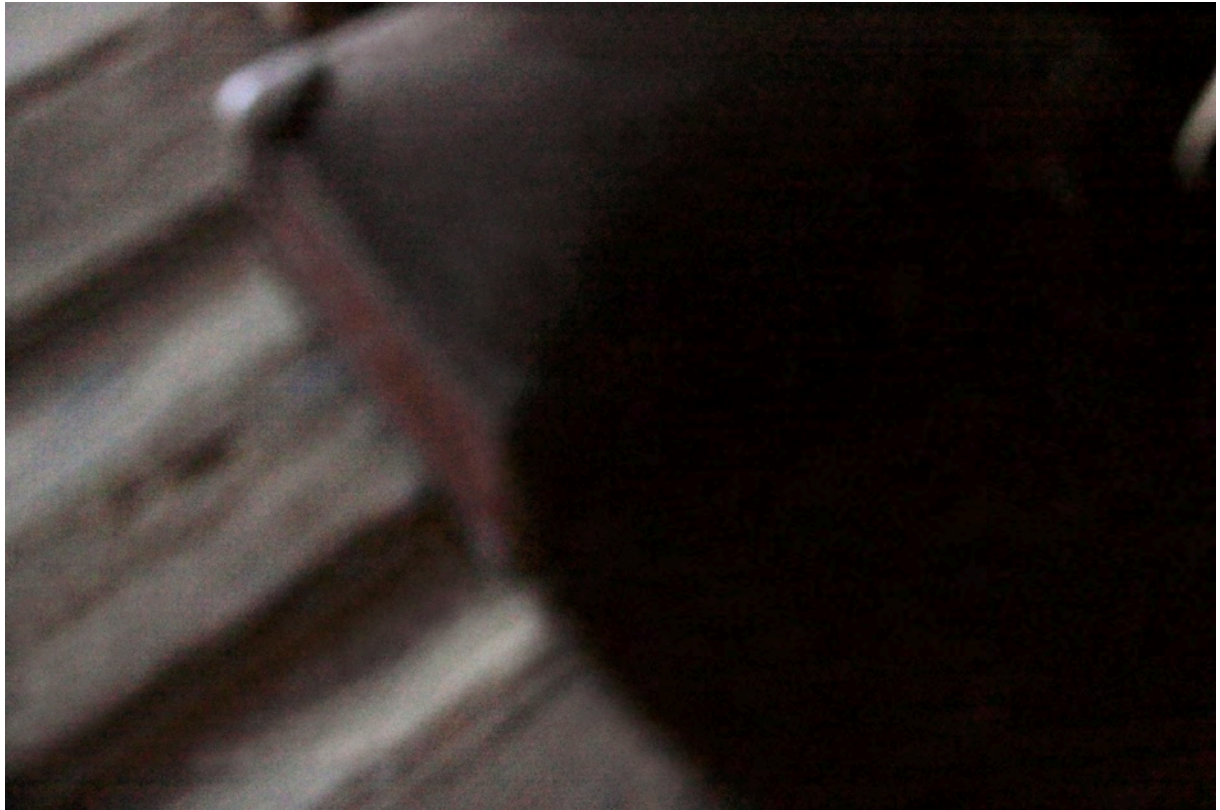


























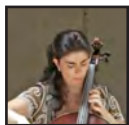






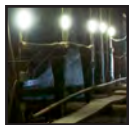






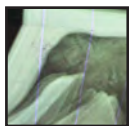
Concerto para edifício transposto

vídeo, 12'17". Músicos: Daniela Paciello (violoncelo 1), Guilherme Faria (violoncelo 2 e piano). *Concerto para dois violoncelos em sol menor*, de Antonio Vivaldi. Filmagem e Edição: Caio Polesi. Galeria Leme, rua Waldemar Ferreira (1), Galeria Leme, rua Agostinho Cantu (2). São Paulo, 2012.



Deux Bateaux

fotografia de instalação e texto. Eglise de St. Julien, Tours, França, 2013.



Cinema: Ipiranga

Fotografia de ação (a partir de fotografias e leitura do texto "Ipiranga"), série de 40 imagens. Cine Ipiranga, São Paulo, 2012.



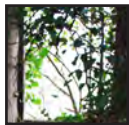
Gabinete de Leitura

fotografia, série de 2 imagens. Real Gabinete de Leitura Portuguesa, Rio de Janeiro, 2011.



Bibliothèque - Etagères

Fotografia de performance, série de 4 imagens. Bergonne (Auvergne, França), 2012.



Vigne-mère

fotografia sonora, Vozes de João Romanitni (português) e Samuel de Jesus (francês). Auvergne, França, 2012.



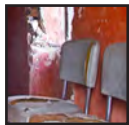
Deux portes fermées

Fotografia, díptico. Bergonne (Auvergne, França), 2012.



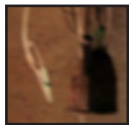
Les dos de la maison

Fotografia de performance. Bergonne (Auvergne, França), 2011.



Chambre Rouge

Fotografia, série de 2 imagens. Bergonne (Auvergne, França), 2012.



Grenier / Sótão

Fotografia, série de 19 imagens. Bergonne (Auvergne, França), 2012.

OUTROS LUGARES BIBLIOGRAFIA

CITADOS

- BIOY CASARES, Adolfo. *La Invención de Morel*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1968.
- CORTÁZAR, Júlío. *Homenaje a Alain Resnais*, in *Último Round*. Editorial RM. México, 2010.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Editora Cultrix, São Paulo.
- MANGUEL, Alberto e GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de Lugares Imaginários*. Editora: Companhia das Letras. São Paulo, 2003.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BAQUÉ, Dominique. *Histoires d'ailleurs – Artistes et penseurs de l'itinérance*. Paris: Editions du Regard, 2006.
- PEREC, Georges. *Especies d'espaces* Paris: Editions du Regard, 2006.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- TARKOVSKI, Andrei. *Tarkovski - Instantâneos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- WOOLF, Virginia. *As Ondas*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1991.
- O Fantasma e o Desejo: um corpo do presente a partir de Caravaggio e Francis Bacon*, por Júlia Studart; in Zúnai - Revista de Poesia e debates, 12-04-2012.
- Les lieux de Pascal Quignard - Actes du Colloque du Havre*. Sous la direction de Agnes Cousin de Ravel, Chantal Lapyre-Desmaison et Dominique Rabate. Paris: Gallimard, 2013.

TRAS UN PASILLO Y UNA PUERTA
QUE SE ABRE A OTRO PASILLO, QUE
SIGUE HASTA PERDERSE

DESDE UN PASAJE QUE CONDUCE
A LA ESCALERA QUE REMONTA
A LAS TERRAZAS

DONDE LA LUNA MULTIPLICA
LAS REJAS Y LAS HOJAS

HASTA UNA ALCOBA EN LA QUE ESPERA
UNA MUJER DE BLANCO
AL TÉRMINO DE UN LARGO RECORRIDO

MÁS ALLÁ DE UNA PUERTA Y UN PASILLO
QUE REPITE LAS PUERTAS HASTA EL LÍMITE
QUE EL OJO ALCANZA EN LA PENUMBRA

POR UN ZAGUÁN EN EL QUE HAY UNA
PUERTA
CERRADA, QUE VIGILA UN HOMBRE

EN UNA OPERACIÓN COMBINATORIA
EN LA QUE EL MUERTO BOCA ABAJO
ES OTRA INDAGACIÓN QUE RECOMIENZA

ANTE UN ESPEJO QUE DENUCIA
O ACASO ALTERA LAS SILUETAS.

ENTRE O LIVRO E O LUGAR
OUTROS LUGARES
PATRICIA OSSES